

## POLÉMICA EM TORNO DE *RUMOR BRANCO* DE ALMEIDA FARIA: RÉPLICA E CONTRA-RÉPLICA

Em estudo anteriormente publicado<sup>1</sup>, ocupei-me, em particular, do “texto de abertura” da conhecida polémica travada entre Vergílio Ferreira e Alexandre Pinheiro Torres, a propósito de *Rumor Branco* de Almeida Faria. Foram também aí objecto de análise o enquadramento contextual da polémica, os papéis sociais representados pelos contendores, a organização global da troca verbal em causa e a sua repercussão no meio intelectual e artístico da época.

Representei, então, o conjunto dos textos constitutivos da mesma polémica segundo o esquema seguinte:

|   |  |
|---|--|
| TEXTO 0: <i>Rumor Branco de Almeida Faria</i> , por Alexandre Pinheiro Torres |  |
| MÓDULO 1  | TEXTO 1: <i>A propósito duma crítica. Vergílio Ferreira responde a Pinheiro Torres</i> , por Vergílio Ferreira<br>TEXTO 2: <i>Alexandre Pinheiro Torres responde a Vergílio Ferreira na Tenda de Abracadabra</i> , por Alexandre Pinheiro Torres |
| MÓDULO 2  | TEXTO 3: <i>Palavras Finais. Tréplica de Vergílio Ferreira</i> , por Vergílio Ferreira<br>TEXTO 4: <i>Também as palavras finais (mas não epitáfio)</i> , por Alexandre Pinheiro Torres   |

Neste trabalho, debruçar-me-ei sobre os textos 1 e 2 que constituem, no seio da referida polémica, a réplica de Vergílio Ferreira e e a contra-réplica de Alexandre Pinheiro Torres.

<sup>1</sup> RODRIGUES, Sónia 2000:137-174.

Tais textos, para além de se interligarem, na ordem funcional da polémica, como réplica e contra-réplica – o que os reúne em unidade sequencial de marcada individualidade –, partilham, fundamentalmente, um mesmo desenho discursivo. Em particular, estas duas intervenções apresentam uma configuração discursiva simétrica, pois que os meios argumentativos e linguísticos utilizados por cada um dos autores estão ao serviço de uma mesma orientação básica, a saber, a anulação da palavra do outro.

I - Na secção que agora se inicia, tomar-se-á para análise a réplica de Vergílio Ferreira à crítica literária de Alexandre Pinheiro Torres<sup>2</sup> – «A propósito duma crítica, Vergílio Ferreira responde a Alexandre Pinheiro Torres» –, intervenção que apresenta um esquema organizativo que tem na base três eixos fundamentais:

1. a justificação da resposta a que dá expressão esta intervenção;
2. a abertura da réplica que displicentemente anuncia como tendo por objecto «meia dúzia de questões»;
3. a réplica que põe em relevo a produção ficcional e crítica do interlocutor.

A distribuição do texto por estes eixos é um tanto desigual, sendo de destacar o primeiro parágrafo que cumpre uma função particular na orgânica textual, na medida em que descreve um movimento retroactivo de que decorre a abertura da polémica e um movimento projectivo de organização das questões a desenvolver. Vejamos:

<sup>1-4</sup> Com certa surpresa minha e de muitos outros leitores, Alexandre Pinheiro Torres, ao criticar *Rumor Branco* de Almeida Faria, lembrou-se de se referir largamente, e com manifesto desgosto, a alguns livros meus. Deu-se mesmo ao luxo de uns toquezinhos de facécia que lhe percorre nervosamente toda a prosa como uma cócega... Como me chega a notícia terrorista de que o temeroso Inquisidor me prepara uma tunda pessoal, rservo para então a resposta que porventura a tunda me mereça. Entretanto julgo útil frisar desde já uma meia dúzia de questões:»<sup>3</sup>

Neste enunciado, destacam-se claramente dois movimentos: I<sup>1-2</sup> cumpre uma operação retroactiva de reprodução da enunciação ausente a que responde o presente texto que traduz já a imagem da interpretação/compreensão do texto-alvo; I<sup>3-4</sup> elucida a organização a que o presente texto se submeterá, indicando as “intenções” do Loc<sup>V.F4</sup> para a sua réplica.

---

<sup>2</sup> Para a análise do texto referido ver nota 3.

<sup>3</sup> FARIA 1992:127.

**I.1.** A retoma pela qual se recupera a enunciação a que responde esta intervenção projecta um comentário metadiscursivo e assume uma dupla funcionalidade: informa acerca do sentido atribuído pelo Loc<sup>V.F.</sup> ao TEXTO 0 e indica simultaneamente o motivo que justifica a presente resposta.

A crítica/censura que caracteriza esta intervenção tem por base, num primeiro plano, o “despropósito” do rumo argumentativo do TEXTO 0, ao serviço do que se encontra a expressão de uma *contra-expectativa*. Esse ataque desdobra-se, pelo menos, por três zonas discursivas a assinalar, de imediato.

**I.1.1.** O Loc<sup>V.F.</sup> contesta a *aceitabilidade* da referência às suas obras, rejeitando a sua funcionalidade no andamento argumentativo do TEXTO 0. O “despropósito” dessa referência, devido ao desvio do elenco da argumentação construída pelo seu interlocutor, está contido, em I<sup>1-2</sup>, em dois aspectos:

a) na estrutura semântico-sintáctica que gira em torno da expressão “lembrar-se de se referir” preferida a “referir-se”. O lexema verbal “lembrar-se de”, neste contexto, marca a ausência de uma razão válida para o estabelecimento de uma relação que ligue a apreciação de *Rumor Branco* à referência a *Estrela Polar e Aparição*. Este verbo activa uma significação linguística argumentativamente orientada para uma conclusão específica: a inoportunidade da menção que Alexandre Pinheiro Torres faz aos livros de Vergílio Ferreira numa crítica a *Rumor Branco* que se reconhece como *pretexto*.

b) no contraste entre o objecto da crítica literária – *Rumor Branco* de Almeida Faria – e as avaliações axiológicas aplicadas a dois romances de Vergílio Ferreira obtido pela intercalação do segmento «ao criticar *Rumor Branco* de Almeida Faria» na oração principal «Alexandre Pinheiro Torres (...) lembrou-se de se referir (...) a alguns livros meus.»;

**I.1.2.** A depreciação do Loc<sup>V.F.</sup> incide não apenas sobre a crítica negativa de que são objecto as obras mencionadas, alvo de desqualificação por vários meios, como veremos. O “despropósito” abarca o largo espaço concedido a essa apreciação, numa crítica a *Rumor Branco*, contido no advérbio «largamente».

---

<sup>4</sup> Por questões metodológicas, a partir de agora designar-se-á o locutor do TEXTO 1, cujo autor é Vergílio Ferreira, por Loc<sup>V.F.</sup> e o locutor do TEXTO 2, cujo autor é Alexandre Pinheiro Torres, por Loc<sup>A.P.T.</sup>

I.1.3. O “despropósito” censurado ao interlocutor envolve ainda o modo como este assume o seu discurso, mais especificamente, o tom doutoral invocado em seu desabono. Este eixo está particularmente assinalado em I<sup>2</sup> onde existem três aspectos dignos de nota.

A ideia central que constitui, aliás, o referente dos comentários avaliativos adjacentes está contida na expressão «uns toquezinhos de facécia» que designa outras vozes enunciativas convocadas, amiudadas vezes, segundo o Loc<sup>V.F.</sup>, a “despropósito” pelo Loc<sup>A.P.T.</sup> para o seu discurso. O significado da crítica/censura não pode ser outro senão o que assenta num saber pouco reflectido e pouco ponderado de quem se preocupa sobretudo com a sua demonstração ostensiva.

Tal surge especificado nos vários segmentos que ocorrem no enunciado em consideração.

a) «Deu-se (...) ao luxo de» sublinha, por seu lado, a não pertinência desses «toquezinhos de facécia» caracterizadores do discurso adversário através da ideia de superfluidade/excesso que incorpora o seu conteúdo semântico, articulando-se à contra-expectativa que tal circunstância suscita. Esta articulação amplia a depreciação que afecta esse traço discursivo da intervenção adversária.

b) Essa apreciação negativa é ainda vincada pelo marcador argumentativo «mesmo» em cujo semantismo se inclui a propriedade de colocar determinado argumento numa posição mais elevada numa escala argumentativa, assumindo assim um carácter comprovativo e reforçador de uma conclusão particular. Assim sendo, não será difícil admitir que I<sup>2</sup> concorre como argumento mais forte para a desqualificação do discurso anterior com base no comentário depreciativo já referido. Em «mesmo» é ainda visível a contra-expectativa tributária de uma desvalorização que insiste na não pertinência e na insignificância das considerações designadas como «toquezinhos de facécia».

c) O segmento «que lhe percorre (...) toda a prosa como uma cócega» traz consigo um movimento analógico entre a presença de «uns toquezinhos de facécia» e a «cócega», no que J. Fonseca designa de «comparação emblemática»<sup>5</sup>. No caso em análise, B - o TEXTO 0 é dotado de determinada propriedade - x, contida

---

<sup>5</sup> Em FONSECA 1993, este procedimento de enfatização é explicado pela relação estabelecida entre três elementos - B, x e R, sendo este último o ponto de referência «possuidor do grau máximo ou extremamente elevado da propriedade em torno da qual gira o confronto» com B (p.84). Para a explicação cabal deste recurso («comparação emblemática»), ver FONSECA 1993: 63-102.

em grau máximo ou extremamente elevado em R - a cócega. No contexto, é central o advérbio «nervosamente» que circunscreve a gama de sugestões relativas a tal propriedade que pode traduzir-se, em Alexandre Pinheiro Torres, por um mal-estar suscitado pelo sucesso das obras de Vergílio Ferreira, levando-o a reagir de forma impulsiva e pouco ponderada, em escritos semelhantes ao TEXTO 0.

A comparação usada cumpre a função que lhe é adstrita enquanto «comparação emblemática», ou seja, a de «uma orientação amplificadora que visa o pólo máximo ou o extremo da intensidade da propriedade de x em B (...)»<sup>6</sup>, correspondendo x a uma disposição afectiva caracterizada por uma certa irritabilidade face ao sucesso de Vergílio Ferreira.

**I.1.4.** Na ausência de uma razão válida que legitime essa ligação, dado o não reconhecimento/validação da sua *aceitabilidade*, o Loc<sup>V.F.</sup>, numa tentativa de restituir a coerência aparentemente inexistente, atribui ele próprio um sentido ao texto-alvo, encontrando justificação para tal presença numa intenção provocatória por parte do seu interlocutor, potencializadora da interpretação da crítica literária a *Rumor Branco* como *pretexto* para mais uma desvalorização dos seus romances.

É neste contexto que surge o segundo eixo estruturador da crítica/censura ao texto do interlocutor: o Loc<sup>V.F.</sup> ataca aí sobretudo a falta de objectividade e de isenção decorrentes de uma motivação imprópria.

Tal leitura deriva do emprego do termo «desgosto» indicador da disposição afectiva sob a qual o interlocutor terá sido compelido a redigir as apreciações negativas relativas às obras mencionadas; «desgosto» suscitado eventualmente pelo êxito, qualidade e influência alcançadas pela sua obra literária. Este «desgosto» é visível, em particular, no processo utilizado para a desqualificação dos romances de Vergílio Ferreira por meio do «descrédito ideológico» na base da ridicularização de que são alvo.

Convém notar que esta ideia da crítica não isenta, movida pelo ressentimento ou amargura, vai estar ao serviço de vários momentos textuais que, em tempo próprio, serão assinalados, mas vai sobretudo ser recuperada no último parágrafo. A ocupação de lugares estrategicamente importantes (de abertura e de fechamento do discurso) afasta qualquer dúvida acerca da sua centralidade nesta intervenção.

O segmento I<sup>3</sup> contribui também para o reforço desta ideia: o ataque do TEXTO 0 é sobretudo dirigido a Vergílio Ferreira.

I<sup>3</sup> Como me chega a notícia terrorista de que o temeroso Inquisidor me prepara uma tunda pessoal, reservo para então a resposta que porventura a tunda me mereça.

<sup>6</sup> FONSECA 1993: 85.

É evidente que «o temeroso Inquisidor» serve uma necessidade discursiva de intensificação da imagem negativa do interlocutor. A substituição do nome próprio pela perífrase transcrita é subsidiária de uma orientação argumentativa do discurso em análise: a desvalorização do adversário. O segmento que serve a sua designação comenta de duas formas a actividade de crítico: (i) *temeroso* amplifica o traço negativo predominante no semantismo de *Inquisidor*; (ii) *Inquisidor*, por sua vez, abre uma ligação de analogia entre a crítica neo-realista e a religião que emergirá mais expressivamente noutras sequências textuais. O indivíduo assim designado é alvo de uma série de desqualificações preenchidas pela metáfora da *inquisição*.

Há também aqui implícita a ideia de combate persecutório à produção literária do Loc<sup>V.F.</sup> através de ataques sucessivos, fazendo crer que esta é já uma prática habitual no exercício da crítica, pelo menos, a realizada pelo adversário.

**I.1.5.** A enunciação a que responde o TEXTO 1 surge reproduzida no seguinte enunciado: «Com certa surpresa minha e de muitos outros leitores, Alexandre Pinheiro Torres, ao criticar *Rumor Branco* de Almeida Faria, lembrou-se de se referir largamente, e com manifesto desgosto, a alguns livros meus...», que dá corpo a um acto de censura/desaprovação na base do qual se encontra a expressão de uma *contra-expectativa* que estrategicamente abre o texto: «Com certa surpresa minha e de muitos outros leitores(...)». Não nos interessa insistir na *distorsão* da imagem reconstruída do texto-alvo cuja significação é aqui produto da interpretação do Loc<sup>V.F.</sup>, mas compreender as vantagens daí decorrentes em termos de construção de imagens - do Loc<sup>V.F.</sup> e do interlocutor.

**I.1.5.1.** Falar em nome de «muitos outros leitores» apoia a construção de um *ethos* favorável ao Loc<sup>V.F.</sup> que dá assim provas de boa-fé.

**I.1.5.2.** Através do segmento modalizador «Com certa surpresa minha...», o Loc<sup>V.F.</sup> declara a sua admiração/espanto por ter sido alvo de censura numa crítica da obra de outro escritor através de desqualificações na base do *absurdo* e do *risível*. Ora, esta *contra-expectativa* permite-lhe ocupar a posição de vítima da má-fé com que agiu o seu interlocutor, ao fazê-lo alvo de censura/crítica por ter agido não só contra o princípio da coerência discursiva mas também por ter seleccionado como alvo de desqualificações Vergílio Ferreira.

Deste modo, a imagem do interlocutor sai fortemente danificada com as dimensões agregadas ao segmento discursivo I<sup>1-2</sup> que permite ao Loc<sup>V.F.</sup> realizar um acto de justificação da sua intervenção, fundamentado em dois aspectos: a censura inerente à acusação de um acto inaceitável do interlocutor e, conseqüentemente, a inocentação/vitimização do Loc<sup>V.F.</sup> que surge como “quase obrigado a polemizar”, por se reconhecer no TEXTO 0 como um dos alvos.

Particularmente significativo neste processo revela-se o determinante «certa» que restringe a dimensão da *surpresa* com claros efeitos pejorativos: a surpresa não é total porque “de certas pessoas se espera tudo”. A pessoa de quem se fala nestes termos é claramente prejudicada em termos de imagem.

I.2. A imagem que do texto original (TEXTO 0) nos faz chegar o Loc<sup>V.F.</sup> diz apenas respeito à sua presença aí como alvo de avaliações certamente mas também como destinatário, a quem, de certo modo, se solicita uma resposta<sup>7</sup>. Através do TEXTO 1, e mais especificamente deste primeiro parágrafo, Vergílio Ferreira comunica não só que compreendeu essa solicitação mas também que aceita cooperar na discussão. Se assim for, deve entender-se ainda o primeiro parágrafo como o esboço do enquadramento discursivo em que se inscrevem os restantes parágrafos:

I<sup>4</sup> Entretanto julgo útil frisar desde já uma meia dúzia de questões

Na construção das imagens do Loc<sup>V.F.</sup> e do interlocutor, acontece ter aquele evidenciado a desvantagem em que se encontra, tendo em conta os ataques que a sua imagem pública sofreu com o TEXTO 0. Ora, para iniciar esta interlocução Vergílio Ferreira precisa de reassumir o seu prestígio, o seu lugar social e discursivo. Daí o investimento na reposição/restabelecimento da sua imagem na base da problematização de algumas questões relativas ao acto de crítica realizado por Alexandre Pinheiro Torres. Esta circunstância permite ainda abrir um espaço para a determinação de alguns pontos de divergência entre os intervenientes. I<sup>4</sup> evidencia o carácter preparatório da plataforma de discussão, a partir da contestação de algumas das componentes do discurso argumentativo-persuasivo do seu interlocutor que realiza um macroacto ilocutório de crítica/censura, mas onde também surgem já esboçadas as concepções de literatura e de crítica literária que emergirão como objecto de discussão no segundo módulo da polémica.

I<sup>4</sup> dá corpo a um acto de composição e planificação textual que anuncia os segmentos discursivos subsequentes, planificando-os e orientando-os no sentido de uma refutação. Depois de afastar a hipótese de discussão sobre a apreciação positiva ou negativa de *Aparição* e *Estrela Polar*, discussão aliás deixada em aberto para uma outra ocasião (I<sup>3</sup>), o Loc<sup>V.F.</sup> orienta a sua réplica num outro sentido, anunciando desde logo que o encadeamento recairá sobre os objectos do discurso referenciados no comentário metadiscursivo anterior que respondem ao «desgosto»

---

<sup>7</sup> O formato da recepção do texto 0 corresponde a um esquema interlocutivo triádico que ficou suficientemente caracterizado em RODRIGUES 2000: 169-170, ponto 9.

e aos «toquezinhos de facécia». A expressão «uma meia dúzia de questões» denota um cálculo estratégico da parte do Loc.<sup>V.F.</sup>, revelando uma selecção/escolha fundamentada - veremos os critérios dessa escolha pela sua análise.

I.3. Em ordem à desqualificação do interlocutor são alinhadas várias sequências convergentes, sobre as quais se reflectirá de seguida.

I.3.1. Em II<sup>1-8</sup> estão contidas desqualificações múltiplas do adversário enquanto responsável por uma crítica literária que o Loc.<sup>V.F.</sup> entende inaceitável. Procurar-se-á mostrar como se desenvolve esta tática de rejeição que tem por objecto a competência do interlocutor enquanto crítico.

I.3.1.1. Atente-se, em primeiro lugar, nos seguintes enunciados:

II<sup>1-3</sup> Em face do «talento excepcional» de Almeida Faria, Alexandre Pinheiro Torres, pelo menos como artista, é evidentemente um mediocre. Estranho mesmo que uma alma caridosa ainda não lho tivesse dito discretamente ao ouvido, evitando assim que eu lho dissesse aqui em público<sup>8</sup>

Tendo por certa a definição de argumentação como «la relation entre contenus sémantiques de statuts différents: des arguments d'une part, réalisés par des énoncés, et des conclusions, d'autre part»<sup>9</sup>, tendo como suporte dessa ligação os *topoi*, facilmente se perceberá a orientação argumentativa que implicitamente se dirige para uma conclusão particular derivada dos elementos referidos. A argumentação aqui contida socorre-se da implicitação para a avaliação da competência do Loc.<sup>A.P.T.</sup>, atribuindo aos leitores a responsabilidade das potenciais inferências a partir dos dados explicitados.

Em II<sup>1</sup>, o Loc.<sup>V.F.</sup> veicula uma asserção valorativa que, dada como evidente e comumente partilhada (cf. «evidentemente»), não é da sua responsabilidade, estando a sua legitimação a cargo da *opinião pública*. De facto, a opinião do Loc.<sup>V.F.</sup>, contendo a desqualificação do interlocutor no domínio da produção literária, surge protegida contra eventuais contestações pelo *discurso da evidência*. Observe-se, a propósito, que a explicitação dos juízos negativos acerca do interlocutor são regularmente envoltos em procedimentos que protegem o Loc.<sup>V.F.</sup> de eventuais acusações de má-fé, evitando incorrer na falta de que acusa o interlocutor no enunciado de abertura da intervenção. O âmbito do juízo valorativo emitido

---

<sup>8</sup> FARIA 1992: 127.

<sup>9</sup> MOESCHLER 1994: 95.

circunscreve-se à produção literária, admitindo por enquanto alguma qualidade no domínio da crítica.

Deste procedimento cauteloso retira o Loc<sup>V.F.</sup> alguns ganhos em termos de imagem, sendo visível o investimento numa imagem positiva, especialmente notório em II<sup>2</sup>, onde dá provas de boa-fé. Para tal desculpa-se pela desqualificação pública do adversário ao admitir ter preferido não o fazer, ou melhor, não ter sido obrigado por este a fazê-lo.

Obrigado, assim, a responder, o Loc<sup>V.F.</sup> não vê maneira de evitar denunciar a estreiteza de horizontes do interlocutor, embora se manifeste penalizado por desfazer a ilusão em que este parece viver, tornando-o merecedor da “caridade” de outros.

Este ataque frontal que desqualifica de forma incisiva a produção poética de Alexandre Pinheiro Torres está ao serviço de um outro movimento avaliativo, desta feita à actividade de crítico. Aliás, o Loc<sup>V.F.</sup> explicita a pertinência dessa primeira desvalorização, que aparece justificada em II<sup>3-4</sup>.

II<sup>4-5</sup> E por que falo eu disto? Porque é desta massa de artistas falhados que normalmente se fazem os críticos azedos, ressentidos por uma desgraça de que ninguém teve a culpa.

O enunciado interrogativo cumpre aqui vários papéis: além de acautelar a sua pertinência, evitando incorrer na falta de “despropósito” de que acusa o interlocutor, serve ainda para organizar e focalizar o segmento discursivo assim introduzido, que se revelará fundamental para o rumo argumentativo.

Na verdade, as instruções activadas pelo conector argumentativo «porque» marcam explicitamente a relação de justificação enunciativa entre o acto principal de asserção e o argumento que reforça/valida a pertinência da avaliação aí contida, apresentando-se, pela convocação de uma verdade geral, como um argumento de autoridade. Determina-se, deste modo, o rumo argumentativo deste enunciado: tendo em conta que «é desta massa de artistas falhados que normalmente se fazem os críticos azedos», que o Loc<sup>V.F.</sup> convoca como sendo do conhecimento público, fazendo admitir que Alexandre Pinheiro Torres é um artista medíocre, não existe forma de evitar a sua desqualificação enquanto crítico, domínio que até agora parecia estar salvaguardado. Segundo o Loc<sup>V.F.</sup>, não revela nem objectividade nem outras qualidades necessárias para o reconhecimento da competência/idoneidade exigidas pelo exercício de crítica literária.

A acusação de falta de competência, ou melhor, de capacidade de uma análise objectiva, despida de pré-juízos a que o “azedume” pode conduzir, é assegurada pela força assertiva de II<sup>4</sup> em que se recorta um estado de coisas *típico*, relativo a uma situação regular, habitual, correspondente ao TEXTO 0.

A avaliação contida neste segmento visa a actividade de escritor e a de crítico, pretendendo anular o prestígio do interlocutor, que está na base da autoridade que valida a opinião proposta no TEXTO 0, pondo em causa a sua competência. Vergílio Ferreira deprecia as qualidades intelectuais do adversário, questionando a sua credibilidade num domínio muito específico, fundamental para assegurar a “feliz” consecução do acto de crítica (TEXTO 0).

Contrariamente à construção desta imagem desfavorável do interlocutor, é também preocupação do Loc<sup>V.F.</sup> o investimento num *ethos* favorável. A este eixo agregam-se vários procedimentos dignos de nota.

### I.3.1.2. No segmento a seguir transcrito, continua a depreciação do adversário:

II<sup>5-6</sup> Mas o ser-se medíocre devia obrigar precisamente à modéstia e moderação de linguagem. Deste modo, se Alexandre Pinheiro Torres não está por isso forçado a elogiar toda a gente, não é bonito que venha falar de cátedra, ainda que traga o Vossler e o Bally debaixo do braço.<sup>10</sup>

II<sup>5</sup> encontra-se ao serviço de um acto de crítica/censura à atitude revelada pelo adversário: a de falta de modéstia e de moderação que seria de esperar da mediocridade evidenciada na base da *doxa* que preenche, por exemplo, o sentido do provérbio *A ignorância/mediocridade é atrevida*.

É neste sentido que se alinha o segmento verbal «devia obrigar» que dá expressão a uma *contra-expectativa* que visa o adversário por ter agido contrariamente a uma norma. É ainda na expressão dessa *contra-expectativa* que encontram apoio as avaliações subsequentes relativas à imodéstia e falta de ponderação reveladas no tom autoritário imprimido ao discurso: «falar de cátedra», «ainda que traga o Vossler e o Bally debaixo do braço» – argumentos de autoridade.

Este segmento responde ao modo como o interlocutor assume o seu texto – «toquezinhos de facécia» – através de uma avaliação negativa do tom imodesto e doutoral imprimido, criticável/censurável por revelar, ao mesmo tempo, um conhecimento pouco reflectido.

### I.3.1.3. I<sup>8</sup> fecha a sequência em análise:

II<sup>7-8</sup> Que após a tarefa que propinou a um certo director espiritual lá do Norte, Pinheiro Torres se julgue com automático direito ao desempenho das mesmas inquisitoriais

---

<sup>10</sup> FARIA 1992:128.

<sup>11</sup> FARIA 1992: 128.

funções é talvez abusivo e pouco edificante. É certo que se trata de um episódio da luta pelo poder, vulgar nos tempos que correm.<sup>11</sup>

O Loc<sup>V.F.</sup> retira crédito ao seu adversário com base no argumento da competência, considerando que não possui condições/conhecimentos que o habilitem para o exercício da crítica, avaliando como «abusivo e pouco edificante» julgar-se Alexandre Pinheiro Torres com «automático direito ao desempenho das mesmas inquisitoriais funções». O Loc<sup>V.F.</sup> vem a público combater essa prática de descrédito infundado nas apreciações literárias que o interlocutor realiza.

**I.3.1.4.** Resulta como significativa da análise proposta desta sequência a identificação dos objectos de discurso sobre que recai a refutação do Loc<sup>V.F.</sup> preferencialmente dirigida para a legitimidade do “estatuto” do interlocutor, factor não negligenciável na “feliz” consecução do *acto persuasivo* que engloba o TEXTO 0.

O Loc<sup>V.F.</sup> não reconhece ao adversário as habilitações necessárias à realização de crítica literária válida, avaliando as suas apreciações pela ausência de

- idoneidade: não tem condições para desempenhar uma crítica isenta, já que «como artista é evidentemente um medíocre», dado favorável a um certo ressentimento/“azedume” impeditivos de uma apreciação positiva;

- modéstia/ponderação: a junção de vozes no discurso, convocadas como argumento de autoridade, revelam ostentação de conhecimentos/leituras que não corresponde, na perspectiva do Loc<sup>V.F.</sup>, a um saber reflectido.

A desqualificação do interlocutor constrói-se, assim, sobre a interligação inerente à avaliação que deriva deste último apontamento: estreiteza de perspectivas - que o tornam merecedor de “caridade” – camuflada por um discurso doutoral.

Restringe-se, desta forma, o crédito concedido ao adversário enquanto crítico literário, facto que servirá de argumento para a desvalorização do TEXTO 0 enquanto *crítica literária*. Esta argumentação<sup>12</sup> reenquadra o referido texto, substituindo-se o estatuto de *crítica literária* pelo de «um episódio da luta pelo poder».

As questões focadas nos números seguintes inscrevem-se neste enquadramento, problematizando alguns dos fundamentos neo-realistas da apreciação de *Rumor Branco* que mereceram a atenção do Loc<sup>V.F.</sup>.

---

<sup>12</sup> A argumentação utilizada - *ad hominem* - aponta para esse objectivo de desvalorização, na medida em que se «tend à invalider une autre argumentation en discréditant la personne qui la soutient - à la limite, en déniaut à cette personne le droit à la parole sur le sujet en question.», PLANTIN 1990: 208.

I.3.2. O estado de coisas recortado em III diz respeito ainda à *desqualificação* do adversário na base da concepção de crítica que a apreciação de *Aparição* e *Estrela Polar* pressupõe. Na verdade, a atribuição de aspectos negativos às obras mencionadas (*Estrela Polar* não é agora referida no discurso) tem como critério a indiferença/alheamento da realidade, construindo-se um universo fictivo “inverosímil”. Essa apreciação negativa toma o(s) romance(s) por objecto de uma argumentação pelo absurdo. Esse critério avaliativo apoia-se, como ficou a seu tempo provado, numa concepção de literatura e de escritor a que se associa o empenhamento e a preocupação com os problemas político-sociais do país, da qual se afastaria Vergílio Ferreira.

Essa questão surge agora problematizada, encontrando expressão logo nos três primeiros enunciados:

III<sup>1-3</sup> Num *soi-disant* colóquio de há tempos, um pobre crítico de ocasião já teve a curiosidade de saber se lá por Évora havia assim pessoas com bossa para aquelas conversas de que se conta em *Aparição*. Aqui para nós, aquilo era uma pergunta de parolo... Pinheiro Torres, bons deuses, volta a formulá-la.<sup>13</sup>

Os enunciados transcritos contêm vários elementos depreciativos que se reúnem ainda em ordem à desvalorização do interlocutor. O Loc<sup>V.F.</sup>, num primeiro momento, põe em cena a figura de um crítico, objecto de ridicularização pela avaliação negativa inerente ao comentário sobre a sua curiosidade face a uma possível relação de semelhança entre a ficção e a realidade, em *Aparição*, presente nomeadamente em «um pobre crítico de ocasião» e em «uma pergunta de parolo». Aos qualificativos depreciativos mencionados alia-se a depreciação do colóquio em que se verificou a ocorrência relatada, claramente diminuído na expressão “num *soi-disant* colóquio de há tempos”. Ora, os comentários depreciativos referentes a tal episódio são, num segundo momento, transferidos, através de III<sup>3</sup>, para o interlocutor: a significação do pronome, em «Pinheiro Torres, bons deuses, volta a formulá-la», preenche-se no segmento anterior – a «pergunta de parolo» feita por «um pobre crítico de ocasião». Serve este procedimento retórico para retomar do TEXTO 0 o segmento correspondente ao comentário avaliativo desse romance, fazendo, simultaneamente, recair sobre o interlocutor as considerações depreciativas tecidas em desfavor do «pobre crítico de ocasião».

Não é descabida a sua transcrição neste momento:

[TEXTO 0] I<sup>4</sup> Uma das coisas que, aliás, mais nos intrigou nessa obra foi ver os burgueses da Cidade-Museu num parolar filosófico de alto nível(...).<sup>14</sup>

<sup>13</sup> FARIA 1992:128.

O confronto entre os dois segmentos textuais é esclarecedor na medida em que permite dar relevo ao objecto da retoma que não é o conteúdo proposicional do enunciado avaliativo de *Aparição*, mas a dissemelhança/inverosimilhança entre o universo fictivo e a realidade, *pressuposta* nessa avaliação. A *aceitabilidade* dessa avaliação passa por se considerar, *implicitamente*, que, na realidade, «os burgueses da Cidade-Museu» não se ocupam em diálogos de natureza reflexiva ou filosófica. O locutor do TEXTO 0 pressupõe como consabida e irrefutável essa visão do mundo, na base da qual emite um juízo de valor negativo, através de um exercício de verificação de semelhanças e dissemelhanças de que resultam os juízos críticos.

### 1.3.2.1. O movimento refutativo encontra-se nos enunciados seguintes:

III<sup>4-8</sup> Que diabo! Então este crítico, que ainda usa a velha palmatória, não sabe ainda que a «verosimilhança» de um romance tem que ver com a organização interna dos seus elementos? Então não se está a ver que ele é que precisa de palmatoadas? Como diabo é que este sujeito tem lido romances e visto pinturas? A fiscalizar as parecenças?<sup>15</sup>

Através do segmento transcrito, o Loc<sup>VF</sup> evidencia o seu desacordo face aos pressupostos em que a avaliação literária de Alexandre Pinheiro Torres se funda, corrigindo os critérios negativamente apontados: “a «verosimilhança» de um romance tem que ver com a organização interna dos seus elementos.” Mas o desacordo evidenciado serve de motivo para um acto de censura/crítica que se apoia na manifestação de uma *contra-expectativa* face a uma prática levada a cabo pelo interlocutor vista como inaceitável por constituir um contra-senso, marcada linguisticamente pelas expressões:

- «Que diabo! Então este crítico não sabe ainda que...»;
- «Então não se está a ver que ele é que precisa de palmatoadas?»;
- «Como diabo é que este sujeito tem lido romances e visto pintura? A fiscalizar as parecenças?»

O objecto das avaliações axiológicas negativas é ainda aqui o adversário que exerce crítica literária ignorando preceitos considerados elementares. As perguntas retóricas enfatizam a admiração por tal desconhecimento, intensificada pelo marcador «ainda» que contrasta com «tem lido romances e visto pintura», ou seja, tem exercido a actividade de crítico apoiado num procedimento tido por absurdo: «fiscalizar as parecenças» não é fazer crítica de arte.

---

<sup>14</sup> FARIA 1992:119.

<sup>15</sup> FARIA 1992:128.

A crítica que está na base desta censura do Loc<sup>V.F.</sup> fica, assim, invalidada e o seu autor é, enquanto crítico, alvo de uma clara desqualificação: tem exercido uma actividade para a qual não está habilitado por revelar estreiteza do ponto de vista em que se coloca para apreciar e avaliar as obras literárias.

**I.3.2.2.** Nos enunciados seguintes parece estar contido um movimento concessivo:

III<sup>9-10</sup> Em todo o caso, à sua curiosidade de ingénuo sempre direi que no Alentejo não há apenas suínos... Todas as discussões de *Aparição* aconteceram na realidade.<sup>16</sup>

Pela infirmação da pressuposição subjacente às críticas a *Aparição* feitas por Alexandre Pinheiro Torres, Vergílio Ferreira enclausura o interlocutor na sua própria argumentação, fazendo-o incorrer numa aparente contradição. É neste sentido que podemos entender III<sup>10</sup>, onde se afirma a conformidade de *Aparição* com o princípio subjacente à produção literária defendido pelo interlocutor: “rien n’est beau que le vrai”, já que os diálogos aí presentes aconteceram, *de facto*. Estamos em presença de uma variante da argumentação *ad hominem* pela revelação da incoerência descoberta no discurso argumentativo do interlocutor.

Na base destas manobras refutativas está o alargamento do campo nocional de *realidade*, que permite ao Loc<sup>V.F.</sup> afastar-se de uma concepção de literatura que se restringe à consideração das condições socioeconómicas dos portugueses, em determinada época histórica, usando para tal a literatura como “meio de intervenção”; o conceito de *realidade* aqui usado surge preenchido por uma significação mais vasta que abarca outras dimensões da “condição humana”.

Mais importante que o mais é a desqualificação que esse segmento proporciona em expressões como «pergunta de parolo», «curiosidade de ingénuo», «o bom do homem».

O objecto de censura/crítica, neste segmento, é a concepção de crítica subjacente às avaliações negativas contidas no TEXTO 0. A redução da crítica de arte a um mero exercício de «fiscalizar parecenças» torna-se alvo da desqualificação do interlocutor que revela, com isso, estreiteza de horizontes perante o “fazer literário”.

**I.3.3.** Em IV, o Loc<sup>V.F.</sup> retoma do texto do interlocutor os argumentos invocados no desenvolvimento argumentativo respeitante à desqualificação dos aspectos

---

<sup>16</sup> FARIA 1992:128.

formais/experimentação de *Rumor Branco*, comentando-os e avaliando-os de forma a evidenciar a falta de ponderação e de modéstia por que se pautam as apreciações do adversário.

**I.3.3.1.** De um primeiro segmento - VI<sup>1-3</sup> - ressaltam vários aspectos dignos de nota:

IV<sup>1-2</sup> No pomposo dissertar sobre indisciplina e experiências, Pinheiro Torres abarca um horizonte de um século, para nos significar que tem boa vista e que a coisa já vem de longe, sendo pois uma velharia pela razão evidente de ser velha. Ora em primeiro lugar, e com perdão do seu saber, eu que não sou crítico e não tenho pois grandes responsabilidades na direcção espiritual dos povos, acho sinceramente que abarcar só um século é já ter a vista curta.<sup>17</sup>

O Loc<sup>V.F.</sup> retoma da argumentação do interlocutor dois aspectos:

a) os argumentos probatórios da falta de originalidade das «inovações estilísticas» que particularizam *Rumor Branco*;

b) a conclusão para que esses argumentos apontam - as características estilísticas de *Rumor Branco* não são originais -, que concorre para a sua desqualificação na base do *topos* /-originalidade, - valor/.

Estão esses aspectos abrangidos pelo comentário metadiscursivo que abre o parágrafo agora em análise. «No pomposo dissertar sobre indisciplina e experiências» introduz a sequência discursiva relativa à terceira questão problematizada pelo Loc<sup>V.F.</sup> que coloca o foco na argumentação desenvolvida pelo interlocutor para a desvalorização de *Rumor Branco* na base do argumento de que esse é um «romance de aprendizagem». A qualificação desse segmento como «dissertar», ampliada pelo qualificativo depreciativo «pomposo», acusa o tom discursivo de inadequado, indicador de falta de modéstia e de falta de moderação que se agrega ao eixo isotópico de excesso/superfluidade.

Esta retoma abre espaço para dois tipos de objecções, que se desenvolvem como a seguir se indica.

**I.3.3.1.1.** Agrega-se a esta retoma do discurso-alvo um comentário que tem por objecto os argumentos aduzidos pelo interlocutor para a avaliação negativa do dito romance: «Pinheiro Torres abarca um horizonte de um século, para nos significar que tem boa vista». Caracteriza este enunciado a natureza agressiva decorrente da desqualificação do adversário através do ataque aos seus

---

<sup>17</sup> FARIA1992:129.

conhecimentos e ao modo como assume o seu texto (TEXTO 0), com claras ressonâncias de II; a asserção contida em IV<sup>2</sup> é tributária da depreciação dos conhecimentos exibidos pelo interlocutor, manifestando essa intenção de desqualificação: «acho sinceramente que abarcar só um século é já ter a vista curta.» A censura aí presente é particularmente sublinhada pelo segmento introdutório onde o Loc<sup>V.F.</sup> lembra que não é especialista. Ao aparecer como um homem de bom senso, tendo deixado claro que não é nem pretende passar por crítico, acentua a apreciação negativa aos conhecimentos exibidos pelo adversário.

Mais uma vez, à falta de modéstia e de ponderação apontadas ao adversário, contrapõe o Loc<sup>V.F.</sup> a modéstia/mediocridade, neste caso, relativa aos conhecimentos revelados, dimensão que alimenta as várias sequências desqualificadoras.

**I.3.3.1.2.** Em IV<sup>3</sup>, o Loc<sup>V.F.</sup> vaza o seu desacordo face ao *topos* subjacente à argumentação a que responde:

IV<sup>3</sup> Em segundo lugar, não percebo como deixar de admirar a genialidade dos autores que admira, lá porque as suas «experiências» têm já um século de vida.<sup>18</sup>

O objecto do desacordo centra-se no *topos* subjacente à argumentação de Alexandre Pinheiro Torres: /+originalidade, +genialidade/. Socorre-se para apoiar a sua discordância da aplicação da forma tópica enunciada a um domínio mais alargado de autores, mais especificamente, aos autores admirados pelo seu adversário.

Esta estratégia refutativa releva a inadequação dos argumentos utilizados no texto-alvo, por ser inconsequente a sua aplicação generalizada. Ainda tributária desta manobra é a alusão à incongruência/incoerência do interlocutor na apreciação da obra literária pelo recurso à falta de originalidade como argumento para negar a *genialidade* de Almeida Faria, mas que toma por geniais os autores que admira mesmo que não revelem *originalidade*; coloca-se o crítico perante a acusação de usar “dois pesos e duas medidas” no exercício da crítica literária.

**I.3.3.2.** Para a manobra refutativa iniciada anteriormente e para a desqualificação do interlocutor concorrem ainda os seguintes enunciados:

IV<sup>4-8</sup> E quanto à avozinha que era escritora e fazia tais experiências em casa, tenho de concluir que, além dela, só duas personagens as não fazem na rua: Deus Padre e,

---

<sup>18</sup> FARIA 1992:129.

pelos vistos, o próprio Pinheiro Torres. Um e outro, com efeito, não são modestos e atiram-se logo a obra definitiva. Mas quanto ao Deus Padre, já Van Gogh anotou que o que ele fez foi um estudo que lhe saiu muito mal. Estará o pobre Torres convencido de que o dele lhe saiu melhor? De que aquilo que nos tem propinado é por direito uma obra definitiva?<sup>19</sup>

O Loc<sup>V.F.</sup> usa o preceito citado pelo interlocutor na avaliação de *Rumor Branco* para censurar a sua publicação, surpreendendo-o numa contradição entre as suas palavras e o seu comportamento. Revela-se um poderoso meio de desqualificação se tivermos em conta o dilema para que é impelido se ele próprio observar o preceito que aconselha aos outros; do argumento apresentado são possíveis duas conclusões:

- (i) ou o interlocutor julga a sua obra perfeita/acabada, colocando-se acima de Deus numa manifestação de imodéstia e vaidade;
- (ii) ou, sob pena de ser imodesto, a aceita como imperfeita/inacabada, incorrendo em contradição.

O segmento agora considerado contém um acto de crítica/censura à imodéstia e falta de humildade do adversário, confrontando-o com a ideia de *aprendizagem* e de imperfeição própria da condição humana. A avaliação axiológica negativa atinge a apreciação do interlocutor que direcciona a consideração de *Rumor Branco* como «um romance de aprendizagem» num sentido depreciativo.

A desqualificação de que é alvo Alexandre Pinheiro Torres é procurada ainda por uma outra via: a de tornar o interlocutor merecedor de “caridade”, através da actualização da crítica/censura por não agir em conformidade com as suas aptidões – «o ser-se medíocre devia obrigar precisamente à modéstia» –, condensada no segmento «estará o pobre Torres convencido que o dele lhe saiu melhor?» (sublinhado meu).

Em causa está, em suma, o descrédito do interlocutor a quem não é reconhecida *legitimidade* suficiente para assumir a crítica correspondente ao TEXTO 0, dadas as inabilidades que o Loc<sup>V.F.</sup> vai pondo a descoberto.

**I.3.4.** Observaremos de seguida a quarta questão destacada do texto-alvo pelo Loc<sup>V.F.</sup>:

<sup>V1-3</sup> Eu não queria esmiuçar a série de disparates de que este senhor nos abastece e sempre doutoralmente. Mas com franqueza: então a gente há-de suportar uma

<sup>19</sup> FARIA 1992:129.

vez mais essa parlapaticice do «progresso da arte»? Então este sujeito douto ainda está convencido de que Homero e Ésquilo e Sófocles são inferiores a quem ele quiser - incluído ele próprio?<sup>20</sup>

O aspecto mais saliente, nos enunciados transcritos, é claramente o formato retórico em que a refutação da noção de «progresso da arte» é vazada. As modalizações retóricas visam intensificar a força assertiva dos argumentos aduzidos em favor da inadequação da noção de *progresso* à arte, dentro do quadro argumentativo da “ruptura de ligação”. O Loc<sup>V.F.</sup> coloca fortes limitações à associação da política à arte, patente na concepção neo-realista de literatura, socorrendo-se desta técnica argumentativa que «(...) consiste donc à affirmer que sont indument associés des éléments qui devraient rester séparés et indépendants.»<sup>21</sup>

A refutação dessa ligação progresso-arte apoia-se na demonstração da inconsequência da asserção valorativa, na base de uma argumentação *ad absurdum*, que se desenvolve contra a evidência.

Através de V<sup>1</sup>, o Loc<sup>V.F.</sup> presentifica os dois principais focos de crítica/censura que têm guiado o contra-discurso em análise: a ausência de um conhecimento ponderado, reflectido e o tom doutoral, sábio com que esse conhecimento é transmitido.

Evidencia simultaneamente uma intenção estratégica ao chamar a atenção para determinada avaliação do discurso anterior - «a série de disparates de que este senhor nos abastece e sempre doutoralmente» -, preterindo da sua refutação integral em favor de um desses objectos de discurso. Introduce, assim, uma hierarquização dos elementos a refutar (argumentos orientados para a desqualificação do interlocutor), facto que confere saliência ao elemento a tematizar na sequência assim introduzida: «o progresso na arte».

Tal está ainda ao serviço da construção da imagem positiva do Loc<sup>V.F.</sup> que prova a sua boa-fé ao renunciar à refutação de todos os aspectos controversos do discurso do adversário. Vê-se, antes, obrigado a reagir pela força das circunstâncias: «Mas com franqueza», «Então a gente há-de suportar uma vez mais...», «Então este sujeito douto ainda está convencido...»

Ainda aqui se desqualifica o adversário recorrendo à expressão de uma *contra-expectativa* na base da qual se destacam, por anti-orientados, dois aspectos: o caminho já percorrido pelo interlocutor enquanto crítico literário e o desconhecimento revelado acerca de aspectos basilares de crítica literária. A prática de crítica de arte deveria ter permitido ao interlocutor a aquisição/aprendizagem

<sup>20</sup> FARIA 1992:129.

<sup>21</sup> PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA 1983 (1970): 550-551.

de alguns conhecimentos básicos para o seu exercício. No entanto, tal não se verifica na crítica feita a *Rumor Branco* e às obras de Vergílio Ferreira, revelando antes desconhecer, contra todas as expectativas, esses princípios («ainda», «uma vez mais»), facto que constitui motivo de uma vincada avaliação axiológica negativa tributária de um acto de censura/crítica que preenche todas as sequências textuais.

É inegável o valor polémico dos procedimentos em causa, sobretudo pelo ataque à face positiva do interlocutor afectada pela manifestação da *contra-expectativa*: «Então este sujeito douto ainda está convencido de que...»

Pelos traços que o Loc<sup>V.F.</sup> tem vindo a realçar resulta uma imagem caricatural do adversário enquanto crítico de arte. A sua construção, ao serviço de um macroacto ilocutório de censura/crítica, funda-se na expressão de uma *contra-expectativa* que atravessa todo o discurso. A manifestação de *surpresa*, aliada ao desapontamento, reduz o valor do adversário que age, segundo o Loc<sup>V.F.</sup>, de forma absurda.

Ora, como nos refere Eggs,

«(...) être la victime d'une argumentation *ad absurdum* touche au noyau de la personnalité, un effet qui naît tout simplement du fait qu'un argument *ad absurdum* réussi montre qu'on s'est exprimé contre les évidences du sens commun.»<sup>22</sup>

É justamente sobre esta dimensão, que responde ao que inicialmente o Loc<sup>V.F.</sup> resume como «toquezinhos de facécia», que o interlocutor vai encadear a sua réplica, de modo a anular a eficácia da argumentação pelo absurdo.

**I.3.5.** O marcador linguístico de fechamento da réplica - *Finalmente por hoje* - abre o enunciado final em que se vislumbra o “sentido real” da contestação entre duas concepções estéticas diferenciadas.

Ao tópico de fechamento do TEXTO 1 preside sobretudo um efeito retórico de ênfatização do aspecto a tratar na sequência em causa, já que o segmento «por hoje» deixa em aberto a perspectiva de continuação da polémica, como, aliás, havia já anunciado em I. Assim, o argumento guardado para o fechamento é tido por particularmente importante, já que responde ao *motivo* da crítica agressiva, marcada nos termos «zanga» e «revolta», produzida pelo interlocutor. Responde, portanto, ao que, em 1.4., ficou anotado como ataque ao «desgosto» originador da

---

<sup>22</sup> EGGS 1994: 121.

crítica negativa aos romances de Vergílio Ferreira. Analisar-se-á esta reacção em dois momentos.

### I.3.5.1. Considere-se para análise o primeiro desses momentos:

VI<sup>1-5</sup> Finalmente por hoje: o que revolta Pinheiro Torres, cristão-novo do neo-realismo, é que alguns jovens se tenham interessado pelos meus livros. Eu estava, no entanto, bem longe de supor que não preferiam os dele. Com franqueza: terei eu culpa disso? Além de que tudo pode explicar-se por uma daquelas tontices tão próprias da juventude e de que na idade madura vão decerto arrepende-se, regressando ao bom senso e aos livros do Pinheiro Torres. Será, pois, motivo para tanta zanga?<sup>23</sup>

O Loc<sup>V.F.</sup> recupera do TEXTO 0 o eixo correspondente à *influência* [negativa] de Vergílio Ferreira na emergência do existencialismo que se articula aí com a avaliação negativa de *Aparição* e *Estrela Polar* - retoma inicialmente vazada na expressão «Alexandre Pinheiro Torres lembrou-se de se referir, largamente e com manifesto desgosto, a alguns livros meus» e que se actualiza agora em VI<sup>1</sup>.

O Loc<sup>V.F.</sup> atribui o «desgosto» revelado, a que se associam outras disposições afectivas de pólo negativo como «zanga» e «revolta», subjacentes à crítica de que as suas obras são alvo, à indiferença/desinteresse dos jovens romancistas em relação ao neo-realismo, corrente de que o interlocutor não esconde a filiação. Isso é explicitamente referido em VI<sup>1</sup>, onde recebe particular significado o segmento «o que revolta», através do qual se assinala, como em I<sup>1</sup> («com manifesto desgosto»), o carácter tendencioso/não isento da crítica.

Pelo enunciado seguinte - «eu estava, no entanto, bem longe de supor que não preferiam os dele» - o Loc<sup>V.F.</sup> marca bem, com ironia, que é o próprio Alexandre Pinheiro Torres a reconhecer o afastamento dos jovens da problemática neo-realista, imprimindo, deste modo, força à “verdade” do estado de coisas representado. Será ainda retomada esta ideia em VI<sup>6</sup>, marcada pela condicional resumptiva.

Em VI<sup>3</sup>, o aspecto questionado pelo Loc<sup>V.F.</sup> é claramente a orientação dos ataques do interlocutor, dirigidos concretamente a *Aparição* e a *Estrela Polar*, apenas por merecerem a atenção dos escritores mais novos. São romances que expressam uma nova sensibilidade a que mais facilmente aderem devido ao esvaziamento do neo-realismo enquanto estética, colocando a polémica na linha de um conflito geracional, em termos literários.

O descrédito de tal crítica é suficientemente acentuado através de VI<sup>4</sup> de clara tonalidade irónica. De facto, a ironia deste enunciado dá saliência à insensatez

---

<sup>23</sup> FARIA 1992:129-130.

ou falta de ponderação pela verbalização de um raciocínio absurdo em relação ao qual o Loc<sup>V.F.</sup> marca bem o seu distanciamento.

Deixada em aberto a causa do desinteresse, pelo esvaziamento/invalidação do ponto de vista do adversário, o Loc<sup>V.F.</sup> tem preparado o espaço para a apresentação do seu ponto de vista, da sua leitura do facto em consideração - “verdadeira” questão em debate que estrategicamente fecha o contra-discurso em análise.

**I.3.5.2.** Vejamos agora o formato do *aviso* que fecha a réplica de Vergílio Ferreira, onde a atitude avaliativa do Loc<sup>V.F.</sup> recai sobre um novo referente, desenhando-se uma abertura no campo da discussão:

VI<sup>6-7</sup> Que Torres portanto não desanime, se tem de facto a loja às moscas. De uma coisa, porém, o previno desde já e é que, se quer realmente angariar freguesia, não me parece muito prático ter apenas lá na tenda catecismos para parolos...<sup>24</sup>

O segmento «não desanime» vem na sequência de VI<sup>4</sup>, assinalado pelo conector “portanto”, insistindo no que anteriormente se afirmou: o afastamento dos jovens em relação ao neo-realismo.

O estado de coisas recortado pela condicional resumptiva - «se tem de facto a loja às moscas» - está na linha do que em VI<sup>2</sup> se registou acerca do estado actual das letras portuguesas: o esvaziamento da influência do neo-realismo, dado o “esgotamento” das suas respostas estéticas às novas exigências literárias, promove a abertura dos jovens romancistas a outras soluções.

Tal situação, que parece preocupar Alexandre Pinheiro Torres e os neo-realistas e, indirectamente, Vergílio Ferreira, servirá, no enunciado final, o acto de aviso/advertência dirigido ao interlocutor. A força assertiva imprimida à condicional pelo advérbio, em «se quer realmente angariar freguesia», firma bem o registo irónico em que se inscreve VI<sup>4</sup>. O Loc<sup>V.F.</sup> vinca o seu distanciamento face ao conselho aí vazado - «não desanime» - através de um expressivo acto de aviso/advertência. Convém, no entanto, notar que a esse acto se juntam matizações de tonalidade diversa, próprias do repto ou da provocação, indiciadoras da sua dimensão conflitual que desemboca, de forma particularmente saliente, no segmento final «catecismos para parolos».

Esse acto matizado, de aviso-provocação, alerta para a necessidade de um alargamento/renovação da temática socioeconómica ou pelo abandono do programa

---

<sup>24</sup> FARIA 1992:130.

esquemático do neo-realismo que já não possui uma resposta viável às preocupações literárias do presente da enunciação.

Importa salientar que este enunciado se particulariza por contrapor a um ponto de vista do interlocutor um outro, evidenciando-se a questão central do desacordo entre os contendores, dimensão que confere a esta réplica o estatuto de contra-discurso.

I.4. A intervenção de Vergílio Ferreira, no TEXTO 1, tem por objecto várias componentes do discurso do interlocutor, de que resulta o questionamento da *aceitabilidade* da crítica literária contida no TEXTO 0, com base na sua desqualificação. Orienta, assim, as suas objecções no sentido de “minar” a competência de Alexandre Pinheiro Torres, mas sobretudo os pré-juízos e a não isenção subjacentes ao exercício de crítica literária que se aponta em seu desabono.

A análise das sequências textuais procurou revelar as técnicas refutativas colocadas na pista deste duplo objectivo de que destacamos: a argumentação *ad hominem*, o recurso à ironia e ao sarcasmo inerente à construção de imagens deformadas e caricaturais, as avaliações axiológicas negativas apoiadas numa dimensão de *contra-expectativa* extensiva a todo o discurso e fortemente operante na desqualificação do adversário, vítima de uma argumentação *ad absurdum* por agir contra as evidências do senso comum. Esta, como outras réplicas, acciona, como anota J. Fonseca, « uma crítica/censura ao sujeito da intervenção a que reage[m] - sujeito que é claramente desqualificado/afectado na sua face positiva, dada a inadequação (...) da sua produção»<sup>25</sup>.

Deriva deste conjunto de procedimentos um elevado grau de polemicidade e conflitualidade caracterizador da réplica de Vergílio Ferreira a que se liga uma inevitável dimensão agónica à qual, como veremos de seguida, reage o interlocutor.

II - À intervenção analisada sucede a contra-réplica de Alexandre Pinheiro Torres, num texto intitulado «Alexandre Pinheiro Torres responde a Vergílio ferreira na Tenda de Abracadabra». Ficou assinalado, em páginas anteriores, o carácter agónico da reacção de Alexandre Pinheiro Torres ao contra-discurso de Vergílio Ferreira que se objectiva em dimensões de ameaça à face do interlocutor, patente nas atitudes avaliativas respeitantes, quer à sua palavra quer à sua pessoa. Se nos centrarmos no programa interpretativo condensado no título do TEXTO 2, vislumbramos, de facto, pelo menos dois indicadores centrais na sua configuração que comprovam essa afirmação. O segmento «Alexandre Pinheiro Torres responde

---

<sup>25</sup> FONSECA 1994: 213.

a Vergílio Ferreira» marca a natureza reactiva da intervenção, anunciando, de imediato, o desacordo do Loc<sup>A.P.T.</sup> face ao TEXTO 1, com o qual estabelece uma relação de impugnação, de combate. Torna-se, portanto, legítimo considerar a sua condição de réplica/contra-discurso.

O objecto de dissentimento anunciado ou, pelo menos, um dos objectos está também incluído no título, facto que marca a sua centralidade no discurso. O segmento «Na Tenda de Abracadabra» serve a caracterização geral do TEXTO 1 pelo Loc<sup>A.P.T.</sup>, que encontrará eco noutros momentos textuais, particularmente no emprego repetido do termo «desabafo» (ver melhor em II.4.). «Na Tenda de Abracadabra» envolve claramente a intervenção anterior num espaço misterioso e fantasista, afectado por traços de valor negativo como “imponderável” ou “aéreo”. É importante sublinhar esta ideia de “imaterialidade” para mais adiante se compreender o rumo argumentativo do discurso em causa.

Ao mesmo tempo que a avaliação virulenta da prosa existencialista dá o tom conflitual à réplica, sublinha-se também a dimensão básica do discurso, no quadro do conflito entre duas concepções de literatura: o Loc<sup>A.P.T.</sup> visa mostrar as fragilidades do discurso adversário, desenvolvendo considerações na base da inconsistência e da imponderação.

Note-se, a propósito, que a réplica de Vergílio Ferreira ao TEXTO 0, do mesmo Loc<sup>A.P.T.</sup>, ataca precisamente sob o prisma da falta de ponderação e de reflexão. Trata-se agora, no TEXTO 2, da devolução dos ataques recebidos, como ficou já registado.

Antes, porém, da análise dos processos/estratégias que operacionalizam essa devolução, é importante que fixar os eixos estruturadores de sentido do TEXTO 2. Para tal, é conveniente destacar o último parágrafo do texto onde se procede à recapitulação de três aspectos centrais na sua configuração, sumariados pelo Loc<sup>A.P.T.</sup> do seguinte modo:

IX Que concluir? Que Vergílio Ferreira a) Vem, «como criticado», usar os velhos processos «tradicionais»; b) Que tais processos visam a pôr em acção O FOGO DE BARRAGEM PARA IMPEDIR O LIVRE EXERCÍCIO DA CRÍTICA, visam à INTIMIDAÇÃO para MANTER O LAGO CALMO DO PRESTÍGIO e evitar críticas posteriores; c) Que, entretanto, como compensação derradeira vai-se «aliviando» chamando-me o «pobre Torres», ou «Torres, o Pobre», o que segundo a linguagem dos curas da aldeia não é pejorativo.

Os veios temáticos transcritos não obtêm a mesma dimensão na gestão discursiva, pelo que se dará preferência de tratamento ao eixo contemplado na

alínea a). Quanto à alínea b), convém frisar que não cumpre cabalmente a função de recapitulação, pois a perspectiva projectiva sobreleva aí a perspectiva retrospectiva, avançando dados novos (ver II.5.). Na alínea c) contemplam-se algumas *construções intensivas* do adjectivo «pobre» que reclamam dos procedimentos depreciativos usados pelo Loc<sup>V.F.</sup> na desqualificação de Alexandre Pinheiro Torres a partir do nome próprio. Não é novidade o uso, em discurso polémico, de alterações ou especulações com base no nome do adversário. Aqui, esse procedimento é considerado «compensação derradeira» para “alívio” de Vergílio Ferreira - eco do «desabafo» que caracteriza, nas palavras do Loc<sup>A.P.T.</sup>, o TEXTO 1.

**II.1.** Como refere J. Fonseca, «(...) a produção do discurso incorpora, integra a imagem da sua compreensão pelo Alocutário, a imagem da escuta do Outro.»<sup>26</sup> Ora, essa imagem apresenta, como é evidente, distorções em relação a esse mesmo discurso, sobretudo se, como é o caso, se é instituído alvo de desvalorizações.

Antes ainda de passar à análise dos procedimentos usados em ordem à desqualificação do interlocutor e da sua palavra, formulação genérica do objectivo discursivo, parece-me pertinente assinalar o que, do TEXTO 1, o Loc<sup>A.P.T.</sup> não contempla/silencia e o que distorce.

**II.1.1.** Quanto aos aspectos não contemplados na “resposta” de Alexandre Pinheiro Torres notam-se:

- a) «Deu-se mesmo ao luxo de uns toquezinhos de facécia que lhe percorre nervosamente toda a prosa como uma cõega...» [I<sup>2</sup>, TEXTO 1];
- b) «Mas o ser-se medíocre devia obrigar precisamente à modéstia e moderação de linguagem. (...) não é bonito que venha falar de cátedra, ainda que traga o Vossler e o Bally debaixo do braço. (...) É certo que se trata de um episódio da luta pelo poder, vulgar nos tempos que correm.» [II<sup>5-8</sup>, TEXTO 1];
- c) São completamente ignoradas as questões indicadas pelo Loc<sup>V.F.</sup> com 2., 3. e 4, [de III a V, TEXTO 1];
- d) Da última questão, 5., não contempla: - «o que revolta Pinheiro Torres (...) é que alguns jovens se tenham interessado pelos meus livros. Eu estava, no entanto, bem longe de supor que não preferiam os dele.» - «Que Torres não desanime, se tem de facto a loja às moscas.» [VI, TEXTO 1].

A este propósito, é fácil verificar dois tipos de atitudes do Loc<sup>A.P.T.</sup> face aos objectos de discurso desatendidos no TEXTO 2. Os elementos contidos nas alíneas

<sup>26</sup> FONSECA, J. 1992: 284.

a), b) e c), embora não explicitamente retomados, estão implicitamente contidos na resposta ao TEXTO 1, ou seja, estão sob o domínio do eixo orientado para a desqualificação do interlocutor e da sua palavra, central na configuração discursiva - Vergílio Ferreira “Vem, «como criticado», usar os velhos processos «tradicionais», condensados numa das afirmações convocadas como argumento de autoridade que, a título exemplificativo, transcrevemos: «ao crítico que aprecia desfavoravelmente os seus livros, negam eles (os autores) sempre inteligência e cultura...».

Os elementos constantes nas alíneas c) e e) constituem matéria completamente desatendida pelo Loc<sup>A.P.T.</sup>, na sua resposta.

**II.1.2.** Registaremos os segmentos que do TEXTO 1 são explicitamente retomados pelo Loc<sup>A.P.T.</sup> e incorporados, como se verá, no andamento discursivo do TEXTO 2, como objecto de refutação e de contestação. Contam-se, assim:

- a) «Com certa surpresa minha e de muitos outros leitores, Alexandre Pinheiro Torres, ao criticar *Rumor Branco* de Almeida Faria, lembrou-se de se referir largamente, e com manifesto desgosto, a alguns livros meus.» [I<sup>1</sup>, TEXTO 1];
- b) «Como me chega a notícia terrorista de que o temeroso Inquisidor me prepara uma tunda pessoal, reservo para então a resposta que a tunda me mereça.» [I<sup>3</sup>, TEXTO 1];
- c) «Em face do «talento excepcional» de Almeida Faria, Alexandre Pinheiro Torres, pelo menos como artista, é evidentemente um medíocre.» [II<sup>1</sup>, TEXTO 1];
- d) «(...) Pinheiro Torres, cristão-novo do neo-realismo (...)» [VI<sup>1</sup>, TEXTO 1];
- e) «(...) não me parece muito prático ter apenas lá na tenda catecismos para parolos.» [VI<sup>7</sup>, TEXTO 1]

Note-se que os segmentos referidos, presentes no TEXTO 2 através de diferentes modalidades de retoma explícita, apresentam distorções de que, em tempo próprio, se dará conta.

**II.2.** O eixo anotado na alínea a) de 2. - “Vergílio Ferreira vem, «como criticado», usar os velhos processos «tradicionais» - desenvolve-se em vários momentos textuais que serão, de imediato, anotados.

**II.2.1.** Na linha do que ficou acima registado, encontramos a sequência inicial, desenvolvendo-se em torno de uma expectativa, instruída pelo conhecimento de “velhos processos «tradicionais»”, que se vê confirmada no TEXTO 1.

I<sup>1</sup> Diz Vergílio Ferreira, no último número deste jornal, que foi com surpresa sua e de muitos outros leitores (?) que eu me referi «largamente, e com manifesto desgosto» a alguns livros seus.<sup>27</sup>

Este enunciado retoma, através do discurso indirecto, o primeiro parágrafo do TEXTO 1, cabendo-lhe a função de apresentar o problema contra o qual vai reagir o Loc<sup>A.P.T.</sup>: a dimensão de *contra-expectativa* que perpassa todo o TEXTO 1 e em que se funda a crítica/censura ao anterior discurso de Alexandre Pinheiro Torres. É, portanto, a estratégia discursiva accionada pelo Loc<sup>V.F.</sup> que se torna o alvo de crítica/censura no texto em análise.

Nesta reprodução está obrigatoriamente implicada uma reformulação/distorsão do texto-alvo, justificada pela necessidade de reajustamento à intenção argumentativa do discurso. No caso presente, na apropriação do discurso do adversário há elementos propositadamente omitidos, centrais na configuração discursiva da réplica de Vergílio Ferreira, como

[TEXTO 1] I<sup>1</sup> Com certa surpresa minha e de muitos outros leitores, Alexandre Pinheiro Torres, ao criticar *Rumor Branco* de Almeida Faria, lembrou-se de se referir largamente, e com manifesto desgosto, a alguns livros meus.

Como a seu tempo ficou registado, a objecção do Loc<sup>V.F.</sup> é orientado no sentido da desadequação dos comentários a *Aparição* e a *Estrela Polar*: na crítica ao romance de Almeida Faria, desenvolvendo-se, assim, um ataque ao “despropósito” de tal crítica e ao largo espaço que lhe foi concedido em local indevido. Mas mais importante afigura-se a depreciação contida em “desgosto” direccionada para o ataque a uma crítica não isenta, afectada por ressentimentos que o Loc<sup>A.P.T.</sup> não esconde.

Pela omissão deste elemento, o problema equacionado pelo Loc<sup>A.P.T.</sup> é o da crítica em termos genéricos, dando-nos a entender, na imagem da sua compreensão do discurso do adversário, que se questiona aí o próprio exercício da crítica executado por alguém da especialidade sobre duas obras de Vergílio Ferreira. Ou, se se quiser, do TEXTO 1 interessa para o Loc<sup>A.P.T.</sup> reter apenas que *o escritor, alvo de uma crítica negativa, censura o crítico.*

Essa situação tida por habitual legitima-se no segmento seguinte em que se avalia a argumentação de Vergílio Ferreira, com recurso a vários argumentos de autoridade - I<sup>2</sup>. De facto, os autores convocados para a argumentação (João Pedro de Andrade, Cândido de Oliveira e Mário Dionísio) descrevem como *típica* uma

---

<sup>27</sup> FARIA 1992: 131.

mesma situação que se poderá condensar no enunciado *o artista criticado nega sempre razão ao crítico*. Comentam-se, desta forma, as desqualificações do texto de Vergílio Ferreira que se desenvolve, segundo o Loc<sup>A.P.T.</sup>, dentro de um quadro típico de reacção emotiva, desarrazoada, de alguém movido por ressentimentos.

Ora, é justamente esse ataque que o Loc<sup>A.P.T.</sup> dirige ao interlocutor: o de escrever o TEXTO I manifestamente desagradado pela crítica de Alexandre Pinheiro Torres, no quadro dos “velhos processos «tradicionais»”.

A censura/crítica funda-se, então, na manifestação de uma *expectativa confirmada* que tem por objecto o quadro argumentativo em que se desenvolve o discurso do interlocutor, na base do que se constrói o descrédito da réplica adversária. São várias as marcas linguísticas responsáveis pela confirmação dessa expectativa em que se fundam os comentários metadiscursivos:

- «Pois foi sem surpresa nenhuma que eu li o seu pressuroso desabafo» (I<sup>2</sup>);
- «a resposta de Vergílio Ferreira não me surpreende» (I<sup>2</sup>);
- «vem empregar a velha rábula do crítico ser um artista falhado» (III<sup>1</sup>);
- «Claro que também não me surpreendo que (...)» (III<sup>3</sup>);
- «Ah! Era também de esperar que me designasse por *cristão-novo do neo-realismo*» (V<sup>1</sup>).

É um esquema que responde simetricamente à surpresa de Vergílio Ferreira -tratando-se de um traço organizador de todo o discurso de Alexandre Pinheiro Torres orientado, portanto, no sentido da desqualificação do interlocutor e da sua palavra, genericamente caracterizada como “desabafo”.

**II.2.2.** A sequência refutativa abrangida por III e IV evidencia um complexo de dimensões argumentativas dignas de nota, a que se dará destaque nos pontos seguintes.

**II.2.2.1.** A retoma diafónica das palavras do interlocutor (ver III<sup>1-2</sup>) permite não só a identificação do segmento textual em que este vaza um juízo valorativo sobre a obra poética do interlocutor, mas permite ainda a sua avaliação axiológica inscrita nesta sequência em três momentos.

- III<sup>1-2</sup> Vergílio Ferreira vem empregar a velha rábula do crítico ser um artista falhado. Esta sua frase encerra uma lógica profunda: «Em face do talento excepcional de Almeida Faria, Alexandre Pinheiro Torres, pelo menos como artista, é evidentemente mediocre.»<sup>28</sup>

<sup>28</sup> FARIA 1992: 133.

Está, desde logo, marcada em «velha rábula», em que se captam fortes ressonâncias de uma dimensão significativa da construção deste discurso refutativo, a confirmação de uma previsão que tem por base o conhecimento enciclopédico do Loc<sup>A.P.T.</sup>, relativo a uma situação habitual que anuncia o enquadramento dos comentários metadiscursivos subsequentes.

Esse juízo valorativo merece assim a reprovação do Loc<sup>A.P.T.</sup> por não apresentar qualquer fundamentação justificativa de uma avaliação negativa, considerada, por isso, inadequada. É o que se depreende do segmento «Esta sua frase encerra uma lógica profunda» atinente ao discurso do interlocutor cuja coerência se considera obscura e de difícil compreensão.

**II.2.2.2.** Em III<sup>3</sup> confronta-se o interlocutor com uma contradição argumentativa no seu próprio discurso:

III<sup>3-4</sup> Claro que também não me surpreendo que, depois de declarar que não é *crítico*, emita juízo de valor, pelo menos em relação à minha obra poética. Para o meu caso particular resolveu fazer *uma perninha*.<sup>29</sup>

No enunciado transcrito, confronta-se o interlocutor com uma contradição entre o que declara («eu que não sou crítico») e a apreciação que, nesse mesmo discurso, emite («Alexandre Pinheiro Torres, pelo menos como artista, é evidentemente um mediocre»). Trata-se de lembrar claramente aos interlocutores (público incluído, naturalmente) que Vergílio Ferreira não é crítico; não sendo especialista no domínio da *crítica literária*, as suas opiniões devem subordinar-se às opiniões prestigiadas/autorizadas de especialistas na matéria. Aliás, o enunciado mostra, de forma bem vincada, a atitude ocasional («resolveu fazer uma perninha»), mas intencionalmente dirigida para o Loc<sup>A.P.T.</sup> («Para o meu caso particular»), da parte de não especialista. O desnível entre o discurso de opinião especializado de um crítico reconhecido e o discurso de opinião do interlocutor, autor afectado por ressentimentos, desemboca na clara desqualificação deste último em IV (ver II.2.2.4.).

Esta sequência é, portanto, reveladora do desacordo do Loc<sup>A.P.T.</sup> face aos juízos valorativos pejorativos que têm por objecto a sua poesia presentes no TEXTO 1, que valem ao Loc<sup>V.F.</sup> uma censura/crítica por inadequação e incoerência discursiva. Não pode deixar de se ver, subjacente a este movimento refutativo da afectação da sua imagem, a preocupação do Loc<sup>A.P.T.</sup> em a reabilitar perante o público.

**II.2.2.3.** Tome-se, então, em consideração o mecanismo contra-argumentativo em que se funda esta sequência textual:

<sup>29</sup> FARIA 1992: 133.

III<sup>5</sup> Mas deixem-me perguntar: se Vergílio Ferreira se ilude com a frase que está aposta na contracapa da 2ª edição de *Aparição*, frase que reza assim: «eis-nos, sem dúvida, perante um dos romances mais notáveis escritos em língua portuguesa depois de *Eça de Queirós*» (x), não acha que eu poderia também iludir-me com uma frase do mesmo crítico que reza: «Alexandre Pinheiro Torres representa pelo menos em relação à poesia de hoje (1950) uma posição tanto ou mais avançada do que a de José Régio em relação à poesia de ontem»(y)?<sup>30</sup>

O segmento discursivo agora em análise orienta-se justamente para a reabilitação da imagem fortemente afectada pela argumentação do interlocutor em favor de uma conclusão contrária à apresentada - «Em face do talento excepcional de Almeida Faria, Alexandre Pinheiro Torres, pelo menos como artista, é evidentemente um medíocre.»

A argumentação que suporta a refutação em causa assenta numa estratégia defensiva digna de nota. Não podemos esquecer que às técnicas argumentativas utilizadas subjaz um cálculo discursivo que visa o cancelamento de eventuais contestações, por se tratar de um auto-elogio. O Loc<sup>A.P.T.</sup> não pretende ser imodesto, abonando o valor da sua poesia, na sequência da rejeição das desvalorizações de que é alvo no TEXTO 1. Analisar-se-á, de seguida, esse movimento.

Num primeiro momento, o Loc<sup>A.P.T.</sup> descreve um caso particular de reconhecimento público do prestígio de Vergílio Ferreira enquanto escritor, por meio de uma asserção valorativa marcada pelo traço positivo em relação a uma das suas obras, *Aparição*. A consistência da referida apreciação reside na *autoridade* do crítico invocado na base do acordo do interlocutor de que depende a eficácia do argumento usado. A *autoridade* invocada obedece a um critério específico que a consolida de modo a atribuir-lhe a solidez de fonte séria/válida, visando o cancelamento de uma eventual contestação/invalidamento.

Através da construção condicional, o caso descrito de Vergílio Ferreira contém implicitamente a regra que permite a passagem para o caso de reconhecimento do prestígio de Alexandre Pinheiro Torres, proveniente da mesma fonte e atribuído pelos mesmos moldes, do descrito para Vergílio Ferreira, exemplo impermeável a qualquer contestação, pelo menos da parte do interlocutor, que não tem qualquer razão nem qualquer interesse em questionar a sua validade. Poder-se-á resumir III<sup>5</sup> da seguinte forma:

- (a) x e y são afirmações do mesmo crítico;
- (b) Se x é válida para A, y é válida para B.

---

<sup>30</sup> FARIA 1992: 133.

Neste sentido, A (Vergílio Ferreira) só pode legitimamente acreditar em x se não censurar B (Alexandre Pinheiro Torres) por acreditar em y, dado que ambos são casos semelhantes de reconhecimento do prestígio dos autores. Reconhece-se, deste modo, o processo de valorização da produção literária, acerca do qual o Loc<sup>A.P.T.</sup> soube habilmente estabelecer o acordo com o interlocutor, conseguindo simultaneamente fortalecer a sua tese que servirá, mais adiante, para contestar a do adversário. Trata-se da representatividade que é afectada aos autores através das avaliações de um crítico autorizado e isento:

|  |         |   |
|--|---------|---|
| «Alexandre Pinheiro Torres representa pelo menos em relação à poesia de hoje (1950) uma posição tanto ou mais avançada do que a de José Régio em relação à poesia de ontem.» | p'<br>⇓ | «Eis-nos, sem dúvida, perante um dos romances mais notáveis escritos em língua portuguesa depois de Eça de Queirós» |
| <i>valorização da obra artística de Alexandre Pinheiro Torres</i>  | ~C      | <i>valorização da obra artística de Vergílio Ferreira.</i>  |

A propósito do esquema apresentado, convém proceder à seguinte ressalva: os indicadores  $p' \Rightarrow \sim C$  devem ser entendidos pela anti-orientação argumentativa face à argumentação do Loc<sup>V.F.</sup>, no TEXTO 1, conducente a  $C = \text{«Alexandre Pinheiro Torres, pelo menos como artista, é evidentemente um medíocre»}$ .

A generalização do processo de reconhecimento do valor das obras literárias, no presente caso, vai encontrar a sua validade no enunciado seguinte, através do qual o Loc<sup>A.P.T.</sup> vai assegurar o funcionamento argumentativo dos casos descritos como exemplos de uma generalização, como veremos de imediato.

**II.2.2.4.** No enunciado IV desembocam, num complexo jogo refutativo que abarca um duplo movimento discursivo (concessão + contra-argumentação), as linhas argumentativas que se foram desenrolando na sequência textual anterior.

IV<sup>1</sup> Se não são frases deste género que fazem as reputações, também não são as pressurosas surpresas dos autores agravados que desfazem, assim por dá cá aquela palha, a reputação, maior ou menor, que possa ter a obra artística daqueles que o criticaram.<sup>31</sup>

O efeito retórico que caracteriza o seu sentido só pode ser devidamente compreendido se procedermos a uma leitura do enunciado que tenha em conta a

<sup>31</sup> FARIA 1992: 133.

construção com uma pseudo-condicional. Na verdade, o acto de “suposição” realizado por *se p* cumpre uma função concessiva que reforça a contra-argumentação contida em *q*, que se procurará explicitar.

No caso em análise, *p* e *q* referem-se a diferentes procedimentos postos em prática pelos contendores a fim de demonstrarem conclusões anti-orientadas, atinentes ao valor da obra poética de Alexandre Pinheiro Torres. Assim,

- r** - “Alexandre Pinheiro Torres é um artista medíocre” - afirmação do Loc<sup>V.F.</sup>  
(TEXTO I);  
**não-r** - “Alexandre Pinheiro Torres não é um escritor medíocre” - conclusão dedutível da afirmação do crítico convocado em III.

É justamente sobre esses procedimentos que recai o comentário do Loc<sup>A.P.T.</sup>. A posição inicial é, de facto, a de admitir como legítima a contestação possível da abonação do valor literário da sua obra poética vazado em *p* – “não são frases deste género que fazem as reputações”. Mas da assumpção desse estado de coisas como verdadeiro/válido deriva, ao mesmo tempo, a invalidação do rumo discursivo da réplica do interlocutor, recortado em *q* – “também não são as pressurosas surpresas dos autores agravados que desfazem, assim por dá cá aquela palha, a reputação maior ou menor que possa ter a obra artística daqueles que o criticaram.” A concessão contida em *se p* permite ao Loc<sup>A.P.T.</sup> reforçar *q*: mesmo que se invalide o movimento de abonação realizado, admitindo-se questionar a sua validade, a ilegitimação da palavra do interlocutor mantém-se.

Neste enunciado há um movimento de defesa, de recuperação da imagem por parte do Loc<sup>A.P.T.</sup> que, embora concedendo que não se deve dar “guarida” a apreciações positivas, inerente à abonação da qualidade das suas obras de artista, que havia sido objecto de desqualificação por parte do adversário, recusa em simultâneo a avaliação negativa do interlocutor sobre que incidem alegações desabonatórias.

Facilmente se reconhece a acusação patente em expressões como «autores agravados», «pressurosas surpresas», que «desfazem (...) a reputação (...) daqueles que o criticaram», que repete a ideia inicialmente explicitada: o desagrado de Vergílio Ferreira em ver as suas obras criticadas. Como manifestação espontânea desse desagrado, ideia condensada em “desabafo”, a resposta resulta numa invectiva, crítica sem isenção e sem ponderação, subordinada a uma intenção de combate (ver II.5.). É conveniente assinalar, a este propósito, tratar-se aqui da devolução dos ataques que o interlocutor havia dirigido ao Loc<sup>A.P.T.</sup>, na intervenção anterior.

É, portanto, pacífico o reconhecimento da desqualificação da validade da argumentação do interlocutor em ordem à desvalorização do Loc<sup>A.P.T.</sup>, em articulação com uma avaliação axiológica negativa fundada na manifestação de uma *contra-expectativa* (cf. surpresa), do que deriva o seu carácter polémico, de ruptura com o discurso anterior.

**II.3.** A desqualificação do interlocutor deriva ainda de outros procedimentos, que partem de algumas expressões do seu discurso relativas ao antagonismo estabelecido entre o existencialismo e o neo-realismo e que se tornam alvo de censura/crítica. São retomadas duas expressões usadas para atingir o Loc<sup>A.P.T.</sup> que censura/critica o interlocutor por lhe atribuir designações mais propriamente condicentes com a sua vida literária e académica.

**II.3.1.** Considere-se, em primeiro lugar, a designação que o Loc<sup>A.P.T.</sup> compreende como injuriosa do discurso do interlocutor: «(...) o que revolta Pinheiro Torres, **cristão-novo do neo-realismo**, é que alguns jovens se tenham interessado pelos meus livros.»(TEXTO 1) (cf.I.3.5.1.)

No contexto original, a designação sublinhada selecciona do seu semantismo a noção de parcialidade, depreciando Alexandre Pinheiro Torres por revelar um espírito ou uma atitude sectária, intolerante ao que extravasa o domínio do neo-realismo, segundo cujos parâmetros rege a sua actividade de crítico de arte. Resultante da interpretação argumentativa que dessa designação faz o Loc<sup>A.P.T.</sup> e por força da sua natureza elíptica, serve de meio de refutação pelo seu prolongamento sob outros aspectos, subsidiário, no caso presente, de uma orientação discursiva que visa a desqualificação do interlocutor.

V<sup>3</sup> Há aqui um equívoco: o único convertido, o único *cristão-novo* é Vergílio Ferreira que ainda não há muitos anos desatou a ler por outra partitura.<sup>32</sup>

Tendo em conta que na base do processo de retoma se encontra, como refere Graziela Reyes, o «desplazamiento contextual» que «puede alterar el sentido de la transcripción más exacta.»<sup>33</sup>, facilmente se percebe o uso que dessa distorção é permitido ao Loc<sup>A.P.T.</sup> A devolução ao interlocutor da referida expressão implica a selecção de um traço semântico diverso, correspondente à noção de *conversão*. Esta alteração de sentido do enunciado citado é anunciada no comentário «Há aqui um equívoco» que introduz a rectificação a que se irá proceder, assumindo o

---

<sup>32</sup> FARIA 1992: 134.

<sup>33</sup> REYES 1984: 62.

enunciado um valor correctivo contido em «o único convertido, o único *cristão-novo* é Vergílio Ferreira».

Da devolução do epíteto deriva um segmento argumentativo de justificação que consolida a sua adequação face à mudança de opção estética realizada por Vergílio Ferreira. O conteúdo semântico de *conversão*, entendido como “o acto de passar de um grupo religioso para outro, implicando a rejeição ou a aceitação pública de um certo número de atitudes”, vai permitir ao Loc<sup>A.P.T.</sup> desenvolver o seu discurso no sentido da desqualificação do interlocutor.

V<sup>4-7</sup> O racionalismo diamático do neo-realismo terá passado, nessa ocasião, a ser classificado de «catecismo para parolos». Fez-se, então, *cristão-novo* do existencialismo. Iniciou-se na linguagem místico-esotérica fornecida pela Tenda de Abracadabra. Donde se conclui que há uma data de gente que está mesmo a precisar de ir para Évora.

A réplica conta com a censura/crítica aos comportamentos e actos do adversário que, tendo passado de uma situação A para uma B, revela incoerência face aos julgamentos emitidos antes e depois dessa mudança: se antes defendia A, depois passou a criticá-la. Ou seja, a valorização ou desvalorização de A estão dependentes da posição em que o interlocutor se coloca.

Observa-se, então, que o recurso ao argumento da mudança de estética está ao serviço do enfraquecimento da crítica que o interlocutor faz ao neo-realismo, condensada no enunciado «De uma coisa, porém, o previno desde já e é que, se quer angariar freguesia, não me parece muito prático ter apenas lá na tenda catecismos para parolos.»

**II.3.2.** É justamente sobre este segmento que se encadeia o enunciado seguinte, onde se procede a uma outra forma de contestação da mesma expressão «catecismos para parolos». Vamos agora verificar o modo como o Loc<sup>A.P.T.</sup> refuta esse segmento final do discurso do interlocutor.

O processo de desqualificação da designação «**catecismos**» obedece aos mesmos trâmites do anteriormente descrito. O Loc<sup>A.P.T.</sup> assenta a refutação dessa designação na desapropriação da analogia instaurada pelo adversário. Segundo o Loc<sup>A.P.T.</sup>, a analogia usada para o atacar é desajustada, pelos motivos contidos nos enunciados VI<sup>2-5</sup> que funcionam como argumentos para a conclusão vazada em VI<sup>6</sup>.

O Loc<sup>A.P.T.</sup> toma para objecto um dos elementos da analogia estabelecida anteriormente entre os pressupostos estéticos do neo-realismo e o conjunto de ensinamentos de uma doutrina ou religião: os *catecismos*. A ruptura do laço analógico estabelecido deriva da rejeição da *aplicabilidade* do termo *catecismo*

ao domínio do racional/matemático, aplicando-se mais ajustadamente ao domínio do espiritual/metafísico. Surge, então, um espaço de reparação dessas relações analógicas estabelecidas entre o termo catecismo e o existencialismo, negativamente marcado por expressões desvalorizantes como, entre outras, «Tenda de Abracadabra», «Cartilha dos Misticismos», «metafísicas do capricho».

Esta reestruturação da analogia utilizada pelo interlocutor permite recuperar/reiterar o quadro inicialmente estabelecido (TEXTO 0) dos universos ficcionais quer do existencialismo quer do neo-realismo, no que respeita a sua ligação à realidade e aos problemas sociais do país defendida por esta corrente estética e a alienação face aos problemas reais pela preocupação com os problemas existenciais.

Reitera-se, portanto, a concepção de existencialismo, negativamente conotada como forma de os escritores se refugiarem em questões metafísicas revelando indiferença pela realidade social do país, sustentada por Alexandre Pinheiro Torres, na base da qual se entende a crítica a *Rumor Branco* de Almeida Faria.

Para a fixação do antagonismo entre as duas opções estéticas contribui a agregação de aspectos negativos ao existencialismo por uma autoridade convocada para o efeito (VII-VIII), com cuja voz se identifica plenamente o Loc<sup>A.P.T.</sup>. Aliás, a intervenção deste é notória pelo destaque conferido a determinados segmentos, através do recurso a maiúsculas, que visam concretamente o interlocutor, amplificando a polemicidade subjacente.

**II.4.** Neste ponto, convém reunir certos elementos textuais que insistem, durante todo o discurso, na caracterização geral negativa do TEXTO 1, encontrando, de algum modo, expressão na alínea c) de 2. Trata-se da avaliação da modalidade argumentativa que enforma o TEXTO 1, (argumentação *ad personam*), que extravaza, segundo o Loc<sup>A.P.T.</sup>, sentimentos menos próprios típicos de um autor que se viu, contrariadamente, criticado. Está, assim, demonstrada a devolução de um dos principais ataques que lhe foi dirigido.

**II.4.1.** Na caracterização geral do TEXTO 1 não se podem negligenciar elementos como «pressuroso desabafo», «desabafo», aspectos tomados como «compensação derradeira», em c), que, como outros procedimentos, vão «aliviando» o interlocutor.

**II.4.2.** Convém para já reter a imagem da compreensão que do TEXTO 1 oferece o Loc<sup>A.P.T.</sup> ao reproduzir o enunciado do interlocutor:

II<sup>1-3</sup> Onde é que reside a razão profunda do seu pressuroso desabafo? Ele a revela: chegara-lhe a notícia «terrorista» de que o temeroso Inquisidor (que sou eu, ao que parece) lhe reservava uma «tunda pessoal». Vergílio Ferreira soube, com efeito,

que eu entregara à *Seara Nova* o primeiro de uma série de artigos, sob o título geral de *Sob o Signo do Mistério*, em que eu analisava e criticava aspectos dos romances *Aparição* e *Estrela Polar*.<sup>34</sup>

O enunciado transcrito explicita a interpretação que retroactivamente o Loc<sup>A.P.T.</sup> faz do discurso do adversário ao tomar o segmento retomado como sendo o *motivo* que levou Vergílio Ferreira a responder ao TEXTO 0.

O enunciado de Vergílio Ferreira é precedido de um comentário metadiscursivo que retira a sua força argumentativa de uma certa ambiguidade que tem por base o semantismo do lexema verbal *revelar*. O Loc<sup>A.P.T.</sup> extrai das palavras do interlocutor um sinal de apreensão/temor relativamente ao artigo de crítica sobre as suas obras como esclarece II<sup>3</sup>. Este enunciado preenche a significação de «tunda pessoal», desmistificando a expressão conotada negativamente pelo traço /+violência/ ou /+agressão/, apresentando os dados factuais. Desvaloriza-se, assim, a importância que o interlocutor atribui, excessivamente, a um artigo de crítica literária que tinha por objecto duas das suas obras: «o primeiro de uma série de artigos (...) em que eu analisava e criticava aspectos dos romances *Aparição* e *Estrela Polar*.»

II<sup>4-5</sup> é claramente um comentário do Loc<sup>A.P.T.</sup> sobre o estado de coisas recortado nos enunciados anteriores:

II<sup>4-5</sup> Vergílio Ferreira deve ter tomado a nuvem por Juno. Parece que, pelo menos, ficou assustado.<sup>35</sup>

A tonalidade depreciativa reforça a tese de que a réplica de Vergílio Ferreira tem por fundamento interesses pessoais, que explicarão o facto de ter sido ele a responder à crítica a *Rumor Branco* de Almeida Faria, preparando-se já a legitimação do julgamento a seguir emitido acerca do TEXTO 1.

Na base do conhecimento da tipicidade de uma situação condensada em /o artista criticado nega sempre razão ao crítico/ e dos dados factuais apresentados, legitima o Loc<sup>A.P.T.</sup> uma conclusão naturalmente dedutível dos argumentos avançados:

II<sup>6</sup> Eu e muito boa gente poderíamos agora julgar que o seu desabafo se destinaria a funcionar como uma espécie de LANCE DE ANTECIPAÇÃO para me desautorizar ou retirar *efeito* ao referido artigo (...).<sup>36</sup>

---

<sup>34</sup> FARIA 1992: 132-133.

<sup>35</sup> FARIA 1992: 133.

<sup>36</sup> FARIA 1992: 133.

O Loc<sup>A.P.T.</sup> acusa o seu interlocutor de, tendo conhecimento do referido artigo ainda a publicar, ter utilizado uma argumentação *ad personam*, um «attaque contre la personne de l'adversaire et qui vise, essentiellement, à disqualifier ce dernier»<sup>37</sup>, bem como a validade “racional” do seu discurso, com vista à descredibilização do crítico e ao cancelamento da força persuasiva das suas palavras.

A desqualificação do discurso do adversário fundado numa argumentação *ad hominem* passa, no caso em análise, devido a uma requalificação, a argumentação *ad personam*, pois

«Celui dont la thèse a été réfutée grâce à une argumentation *ad hominem*, voit son prestige diminué.»<sup>38</sup>

Desta forma, o Loc<sup>A.P.T.</sup> desvenda as causas e motivações dissimuladas na réplica do adversário, tendo em conta o conhecimento extra-linguístico de uma crítica de *Aparição* e *Estrela Polar* ainda a publicar, na base do que se encontra a função “verdadeira” do texto: descredibilização antecipada do Loc<sup>A.P.T.</sup>, afectando a competência e a legitimidade necessárias à realização de um acto persuasivo.

Em suma, como se registou páginas acima, em momento algum se retoma/recupera a desacomodação das críticas a *Aparição* e a *Estrela Polar* num artigo de crítica sobre *Rumor Branco* de Almeida Faria como dimensão central na configuração refutativa do TEXTO 1. O Loc<sup>A.P.T.</sup>, em I e II do TEXTO 2, desloca o problema circunscrevendo-o ao “livre exercício de crítica” que o interlocutor questiona em função de interesses próprios.

**II.5.** Há ainda que evidenciar o segmento correspondente à alínea b) de 2., a fim de vincar os respectivos efeitos discursivos.

Este segmento encadeia-se sobre o que inicialmente se afirmou: «Diz Vergílio Ferreira (...) que foi com surpresa sua e de muitos outros leitores (?) que eu me referi «largamente, e com manifesto desgosto» a alguns livros seus.» Na alínea que agora consideramos, retoma-se esta ideia – a do desgosto de Vergílio Ferreira em ver as suas obras objecto de crítica negativa. Esta reposição acrescenta, no segmento em análise, algo de novo. De facto, surge acompanhada de comentários depreciativos que reforçam a desqualificação de que vem sendo alvo o interlocutor.

Dado o sucesso atingido, admitido pela maioria do meio literário e social da época, Vergílio Ferreira coloca-se, no dizer do Loc<sup>A.P.T.</sup>, acima de qualquer crítica.

<sup>37</sup> PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA 1983 (1970): 150.

<sup>38</sup> PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA 1983 (1970): 150.

A sua reacção, motivada pelo facto de se ver criticado, é compreendida como um modo reprovável de actuação em ordem à obstrução, ao impedimento da crítica, para defesa do prestígio.

Ao acusar o Loc<sup>V.F.</sup> de querer «impedir o livre exercício da crítica» para «manter o lago calmo do prestígio», o Loc<sup>A.P.T.</sup> fixa para o TEXTO 1 uma configuração agónica/combativa, aliás, bem patente nos segmentos «FOGO DE BARRAGEM» e «INTIMIDAÇÃO», alvejando simultaneamente o adversário e a sua palavra.

**III.** A definição de contra-discurso alia-se à de oposição de um discurso argumentativo a um outro discurso argumentativo por contrariar, em referência a um mesmo objecto, o ponto de vista apresentado; por outras palavras, quando o discurso se assume «(...) como tradutor, produtor e também objecto de guerra (...)»<sup>39</sup>.

A análise das intervenções de Vergílio Ferreira e Alexandre Pinheiro Torres permitiu destacar a dualidade conflitual estabelecida entre os contendores que assumiram os respectivos papéis sociais. É particularmente significativo o papel desempenhado por cada um dos contendores como representante de cada uma das facções do bloco antagónico constitutivo desta interacção:

- o existencialismo *versus* o neo-realismo;
- os escritores *versus* os críticos.

É evidente o eixo de contraposições entre atitudes de distanciamento e de adesão face aos estados de coisas configurados na base do que se manifestam avaliações axiológicas, desqualificações, insinuações/alusões a simpatias políticas que concorrem para a dimensão agónica do debate.

Todo o sistema de avaliações e argumentações de orientação desqualificadora se funda em actos assertivos (como contestar, refutar, objectar) que cumprem a função de «afirmar um ponto de vista ou opinião, que ou reage a outro/a já avançado/a (segundo as modalidades de acordo ou desacordo) ou desencadeia a ocorrência de outro/a (e, de novo, em acordo ou desacordo com o/a primeiro/a).»<sup>40</sup> Apresentam-se pontos de vista ou opiniões divergentes em relação a determinadas questões, cuja actualização se opera através de um complexo de actos argumentativos que reagem negativamente a outros anteriores (modalidades de desacordo) e que desencadeiam a ocorrência de outros (também em desacordo com o anterior).

A esta troca verbal acresce ainda uma vincada tonalidade agónica que resulta

---

<sup>39</sup> FONSECA 1994:84.

<sup>40</sup> FONSECA 1996: 97.

do rumo discursivo da contestação num quadro global de crítica/censura marcadamente corrosivo, já que os intervenientes se socorrem de poderosos instrumentos como a argumentação pelo absurdo, com recurso ao ridículo, a argumentação *ad hominem*, as invectivas, com o objectivo de anular a palavra do outro, com a consequente descredibilização perante a opinião pública.

Sónia Valente Rodrigues

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### A

- FARIA, Almeida (1992), *Rumor Branco*, Lisboa, Edições Caminho, 4ª edição.
- FERREIRA, Vergílio (1981), *Um escritor apresenta-se*, (apresentação, prefácio e notas de Maria da Glória Padrão), Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- FERREIRA, Vergílio (1994), *Conta-Corrente - nova série IV*, Lisboa, Bertrand Editora.
- FERREIRA, Vergílio, «A propósito duma crítica. Vergílio Ferreira responde a Pinheiro Torres», *Jornal de Letras e Artes*, 6 de Fevereiro de 1963.
- «Palavras finais. Tréplica de Vergílio Ferreira», *Jornal de Letras e Artes*, 20 de Fevereiro de 1963.
- TORRES, Alexandre Pinheiro, «*Rumor Branco* de Almeida Faria», *Jornal de Letras e Artes*, 30 de Janeiro de 1963.
- «Alexandre Pinheiro Torres responde a Vergílio Ferreira. Na Tenda de Abracadabra», *Jornal de Letras e Artes*, 13 de Fevereiro de 1963.
- «Também as palavras finais (mas não epitáfio)», *Jornal de Letras e Artes*, 27 de Fevereiro de 1963.

### B

- ADAM, Jean-Michel (1992), *Les textes: types et prototypes. Récit, description, argumentation, explication et dialogue*, Éditions Nathan.
- ANGENOT, Marc (1982), *La parole pamphlétaire*, Paris, Payot.
- ANSCOMBRE, Jean-Claude (1995), «La nature des topoï», ANSCOMBRE, J.-C. (org.), *Théorie des topoï*, Paris, Ed. Kimé, 49-84.
- DASCAL, Marcelo (1989), «Controversies as quasi-dialogues», *Dialoganalyse II*, Tübingen, Niemeyer Verlag, 147-159.
- DASCAL, Marcelo (1995), «Observations sur la dynamique des controverses», *Cahiers de Linguistique Française* 17, Genève, 99-121.
- DASCAL, Marcelo & CREMASCHI, Sergio (1999), «The Malthus-Ricardo correspondence: sequential structure, argumentative patterns, and rationality», *Journal of Pragmatics* 31, 1129-1172.
- DUROT, Oswald (1972), *Dire et ne pas dire*, Paris, Hermann.
- EGGS, Ekkehard (1994), *Grammaire du discours argumentatif*, Paris, Ed. Kimé.
- FONSECA, Joaquim (1992), «Heterogeneidade na língua e no discurso», in FONSECA, J., *Linguística e Texto/Dicurso. Teoria, Descrição, Aplicação*, Lisboa, Icalp, 249-292.

- FONSECA, Joaquim (1993), «Syntaxe, semântica e pragmática das comparações emblemáticas e estruturas aparentadas», in FONSECA, J., *Estudos de sintaxe - Semântica e Pragmática do Português*, Porto, Porto Editora, 63-102.
- FONSECA, Joaquim (1994), *Pragmática Linguística. Introdução, Teoria e Descrição do Português*, Porto, Porto Editora.
- FONSECA, Joaquim (1996), «O discurso de Corte na Aldeia de Rodrigues Lobo - O Diálogo I», *Revista da Faculdade de Letras-Línguas e Literaturas*, XIII, Porto, 87-145. Também em FONSECA, Joaquim (Org.) (1998), *A organização e o funcionamento dos discursos. Estudos sobre o Português*, Tomo I, Porto, Porto Editora.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine & PLANTIN, Christian (1995) (org.s), *Le trilogue*, Lyon, CNRS - Université de Lyon.
- MATEUS, M<sup>a</sup> Helena Mira *et al.* (1989), *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho.
- MICHE, E. (1995), «Les formes de diaphonie dans un débat parlementaire», *Cahiers de Linguistique Française* 16, 241-265.
- MOESCHLER, Jacques (1981), «Réfutation et argumentation dans le discours» in RICHTERICH R. & WIDDOWSON H. G. (eds.), *Description, présentation et enseignement des langues* (Actes du Colloque de Berne, 1980), Paris, Hatier - Credif, 120-135.
- MOESCHLER, Jacques (1982), *Dire et contredire - pragmatique de la négation et acte de réfutation dans la conversation*, Berne, Peter Lang.
- PERELMAN, Chaim & OLBRECHTS-TYTECA, L. (1983) - *Traité de l'argumentation. La nouvelle rhétorique*, Bruxelles, Institut de Sociologie, 3<sup>a</sup> ed. (1<sup>a</sup> ed.: 1970).
- PLANTIN, Christian (1990), *Essais sur l'argumentation. Introduction à l'étude linguistique de la parole argumentative*, Paris, Ed. Kimé.
- PLANTIN, Christian (1996), *L'argumentation*, col. Mémo, Paris, Seuil.
- REYES, Graciela (1984), *Polifonía textual. La citación en el relato literario*, Madrid, Editorial Gredos.
- RODRIGUES, Sónia (2000), «Polémica em torno de Rumor Branco de Almeida Faria: traços configuradores do discurso de abertura», *Revista da Faculdade de Letras - Línguas e Literaturas* Porto, série II, volume XVII, pp137-173.
- ROULET, Eddy *et al.* (1985), *L'articulation du discours en français contemporain*, Berne, Peter Lang.
- ROULET, Eddy (1989), «Une forme peu étudiée d'échange agonale: la controverse», *Cahiers de Praxématique* 13, 7-18.
- SARAIVA, A. J. & LOPES, O. (s/d), *História da Literatura Portuguesa*, Porto, Porto Editora, 16<sup>a</sup> edição.
- SPLINGER, Nina de (1980), «Première approche des marqueurs d'interactivité», *Cahiers de Linguistique Française* 1, 128-148.